

Foco e ponto de vista na organização conversacional

Sandra Pereira Bernardo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

ABSTRACT: In this article, I present manifestations of focus and point of view, in order to analyse the role of these theoretical primitives in speech organization.

PALAVRAS-CHAVE: espaços mentais; foco; ponto de vista.

Apresento, nesta comunicação, um excerto da análise de uma conversa informal não-planejada à luz da teoria dos *espaços mentais* (Fauconnier, 1994, 1997; Fauconnier & Sweetser, 1996; Cutrer, 1994; Dinsmore, 1991), em que investigo manifestações de *foco* e de *ponto de vista* neste tipo de discurso.

Conceituado como espaço de contextualização da sentença, por isso aquele em que se concentra a atenção do falante, o primitivo teórico discursivo *foco* desempenha um papel central na conceptualização discursiva. Pode ser interpretado como uma consequência das restrições impostas pela limitação de memória dos seres humanos, a qual impossibilita a retenção de uma grande quantidade de informação durante o processamento *on line*. Assim, é necessário estabelecer uma espécie de hierarquia para os enunciados produzidos durante a interação com base no sentimento (intuitivo) do que é mais relevante. Existem pistas lingüísticas que permitem a identificação do *foco* (Dinsmore 1991): tempo verbal, aspecto, modo, certos advérbios como *era uma vez*, *hoje*, *ontem*, *três dias atrás*, marcadores discursivos como *ai*, *então* e *agora*, bem como pistas fornecidas pelo contexto pragmático.

O *ponto de vista* fornece o centro da conceptualização ou conscientização de um *self* a quem um enunciado é atribuído, pode ser composto por uma gama de dimensões dêticas, visíveis ou não lingüisticamente. Também constituem primitivos teóricos discursivos: (i) *base*, espaço original ou inicial em qualquer organização hierárquica de espaços. Representa um enquadre temporal que contém uma conceptualização inicial do ponto de vista a partir do qual eventos ou estados serão relacionados, avaliados, medidos e/ou construídos; e (ii) *evento*, espaço temporal em que a informação codificada pelo verbo ocorre. Os primitivos discursivos, noções basilares para a teoria dos espaços mentais, são distribuídos hierarquicamente em uma configuração de espaços à medida que o discurso é interpretado.

Os espaços mentais consistem em domínios locais, de natureza dinâmica, que operam o processamento discursivo a partir de informações contextuais e lingüísticas. Logo, o desenrolar do discurso envolve construções cognitivas complexas em que atuam os domínios, conjuntos de conhecimentos estruturados de natureza estável ou local. Entre os domínios estáveis, “estruturas de memória pessoal ou social” (Miranda 1999: 82), incluem-se (i) modelos cognitivos idealizados (MCI), esquemas conceptuais resultantes de “conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis” (*op. cit.*: 1999: 83); (ii) molduras comunicativas, ou *frames*, conforme as

definem Tannen & Wallat (1987: 59); e (iii) esquemas conceptuais genéricos, configurados de forma mais abstrata, por isso “mais flexíveis em suas aplicações” (Salomão, 1999: 30), que subjazem às interpretações resultantes de expectativas criadas durante o processamento discursivo.

Apresento, em seguida, a análise de um trecho de conversa informal. A transcrição das falas dos participantes estão incluídas na figura (1), abaixo.:

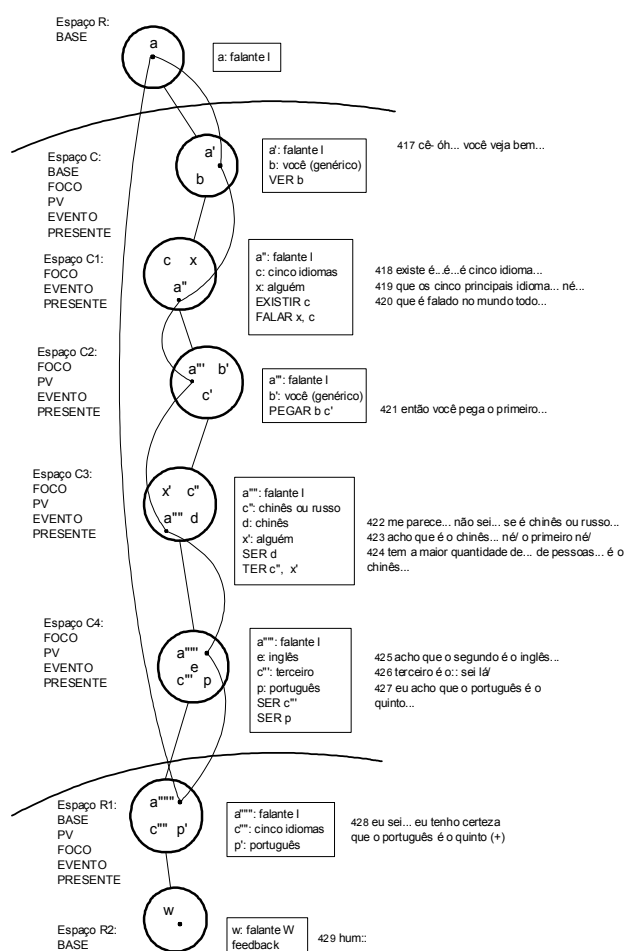


Figura 1 — Configuração de espaços das unidades 417 a 429

¹ O excerto analisado aqui, do qual participam os falantes Wilton (27 anos, carioca), Isalmir (30 anos, carioca) e Célia (23 anos, carioca), responsável pela gravação, integra uma conversa gravada durante um jantar, em 1988. Foram utilizados os seguintes símbolos na transcrição (como toda transcrição supõe uma teoria sobre classe e função, as convenções aqui adotadas podem apresentar falhas):

- | | |
|---|---|
| .../ — transcrição parcial; | — falas simultâneas; |
| [— sobreposição de vozes; | ... ou (+) — pausas; |
| () — falta de clareza na audição; | - trechos descartados, palavras inconclusas e truncamentos bruscos; |
| LETRA MAIÚSCULA — ênfase ou acento forte; | :: — alongamento de vogal ou consoante; |
| (()) — comentários do analista; | // — entonação interrogativa; |
| / — entonação semi-exclamativa; | \ — entonação descendente. |

Nessa passagem da conversa, o falante I tenta defender a tese de que a língua pode ser usada como instrumento de dominação, porém, devido às dificuldades de organização discursiva, no sentido de verbalizar sua opinião de forma clara, e o cuidado ao expor seu ponto de vista, observam-se dificuldades na produção do discurso. Tal dificuldade pode ser aferida pelo modo como o falante demora a expressar objetivamente sua tese e pelo emprego de marcadores discursivos com função modalizadora, hesitações, pausas mais longas e formas verbais.

A unidade de idéia (doravante UI; Chafe 1987, 1988) 417 guia a construção do espaço C, no domínio da crença do falante I, que funciona como uma base nesse domínio, carregando um ponto de vista e um foco iniciais. Como a codificação do verbo *ver* não está preenchida, o espaço C não será considerado evento.

O verbo *ver*, codificado no imperativo afirmativo de natureza optativa, foi interpretado uma marca da inserção do domínio da crença no discurso, pois o modo verbal pode ser considerado “um mecanismo gramatical que controla o partilhamento de informação entre diferentes domínios na representação do discurso” (Mejías-Bikandi, 1996:158). O uso de *você* com caráter genérico, porque não se dirige a um interlocutor específico, corrobora a feição optativa do imperativo, o que aproxima o emprego desse modo ao do subjuntivo, introduzindo uma perspectiva modalizada ao discurso.

O foco desloca-se do espaço C para C1, abrindo também o caráter de evento, onde ocorre a codificação verbal das unidades 418 a 420. A criação do espaço C1 é licenciada pelo deslocamento do foco, que propicia a construção de um novo espaço, pois o espaço-foco pode se deslocar para um espaço filho do ponto de vista. Assim, princípios de organização discursiva (Cutrer, 1994) atuam na configuração de espaços, corroborando a intuição de que o conteúdo das referidas unidades estão hierarquicamente ligadas ao foco ativado em 417.

De C1 para C2, observa-se uma nova mudança de foco, guiada pelo marcador *então*, índice de uma nova etapa no discurso de I, seguido da expressão *você pega*, uma espécie de introdutor do trecho em que o referente *cinco idiomas* será explicitado. O fato de o foco ter-se deslocado, permite que este funcione como uma base para a ilustração apresentada pelo falante nas unidades 421 a 424.

As expressões *me parece*, *não sei*, *acho que*, e o marcador *né* assinalam a permanência do mesmo foco de atenção e do mesmo ponto de vista, permeado de dúvida quanto à veracidade das informações. Tal configuração é licenciada pelo deslocamento do foco de C2 para C3, que fornece uma base para a ilustração e abriga o ponto de vista, porque o ponto de vista só pode ser deslocado para espaços foco ou base. Em C4, as expressões *acho que* e *sei lá*, demonstram a permanência no mesmo domínio da crença, sob o mesmo ponto de vista, devido à migração do foco para esse espaço.

Em 429, o falante I conclui o trecho de seu discurso com tom mais assertivo — *eu sei... eu tenho certeza que o português é o quinto (+)* —, entrando no domínio da realidade em que se passa a conversa. A afirmação de I é seguida de uma pausa mais longa, cuja finalidade pode estar relacionada ao acesso de novos conteúdos da memória. O *feedback* de W pode ser considerado um índice de mudança de domínio, pois denota o interesse e atenção do interlocutor de I, que aguarda suas próximas considerações.

Logo, observam-se, nesse evento, duas marcas de mudança de foco: (i) a interjeição *óh*, marca da busca de atenção dos interlocutores por parte do falante que tomou a posse do turno e, (ii) o marcador *então*, um introdutor de etapas no discurso. Cada mudança de foco encontra-se acompanhada de

uma mudança de ponto de vista, assinalada pelas expressões introdutoras *você veja* e *você pega*. Na figura (2), em seguida, apresento a configuração das unidades 430 a 436.

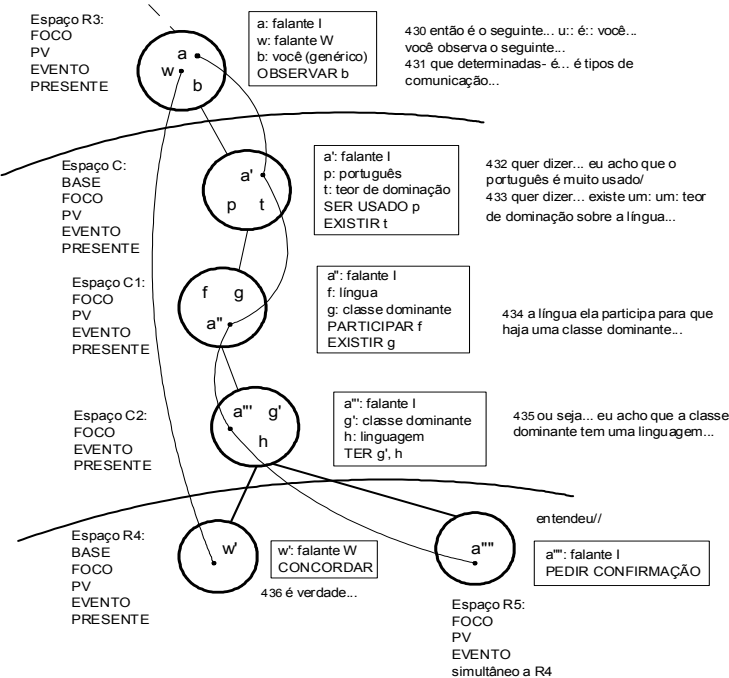


Figura 2 — Configuração de espaços das unidades 430 a 436

Ancorada no espaço-base R1, pode-se observar no recomeço do discurso do falante I, a partir do espaço R3, ainda no domínio da conversa, uma estruturação discursiva semelhante à utilizada no início do episódio, sendo que o marcador *então* assinala uma nova etapa informacional, por sua vez, ligada ao conteúdo da primeira etapa do discurso. Logo, o marcador desempenha um duplo papel: apontar o início de uma nova fatia do discurso e ligá-la ao discurso precedente, como se as informações a serem verbalizadas consubstanciassem uma espécie de conclusão quanto ao que foi dito antes. Assim, pode-se considerar tal marcador como um índice de mudança de foco.

O uso do presente de indicativo (*você observa*), foi interpretado como uma marca de que as unidades 430 e 431 encontram-se configuradas no domínio da conversa. Além disso, essa forma verbal assinala a manutenção do mesmo ponto de vista, permeado de assertividade, alcançada na conceptualização do espaço R1. O uso do indicativo, em lugar do imperativo ou subjuntivo, indica um discreto decréscimo do teor generalizante do pronome *você*, porque, após o estímulo do falante W, pode-se inferir uma interação maior entre W e I, como se o interlocutor estivesse mais engajado no projeto conjunto da conversa (Clark, 1996).

Da unidade 431 para unidade 432, observa-se uma mudança de domínio: o falante I não especifica o tipo de comunicação a que se refere, retomando, assim, considerações quantitativas sobre o uso português na UI 432 e, em seguida, na UI 433, conjectura sobre “um teor de dominação sobre a língua”, introduzindo um novo referente no discurso. As duas referidas unidades são iniciadas pelo marcador *quer dizer*, além da expressão *eu acho*, formas que podem ser consideradas índices de dificuldade de verbalização ou uma preocupação com o modo de colocar a posição a ser defendida.

Assim, a partir da UI 432, abre-se o domínio da conjectura, cuja base se encontra no espaço C, que funciona como base e carrega um ponto de vista inicial, criado a partir do espaço R3. No espaço C1, representação da unidade 434 (*a língua ele participa para que haja uma classe dominante...*),

observa-se uma mudança de ponto de vista, devido ao uso do subjuntivo, que atenua a afirmação de I. Sob o mesmo ponto de vista, o falante fecha sua posição acerca da existência de um discurso da classe dominante na unidade 435, representada no espaço C2. Trata-se do mesmo ponto de vista, porque o falante mantém um discurso modalizado marcado pela expressão *eu acho*.

Nesse sentido, pode ser proposta uma mudança de foco no espaço C, devido à nova contextualização das informações do domínio da conjectura, expressa pelo marcador *quer dizer* das unidades 432 e 433. O foco deslocar-se-á, em seguida, para o espaço C1, marcado pelo uso do subjuntivo, e para C2, espaço em que o falante verbaliza sua opinião de forma clara. Trata-se, portanto, de uma passagem em que o falante procura alinhar sua postura em relação ao conteúdo de seu próprio discurso, daí as nuances de perspectiva.

Ao final da UI 435, percebe-se, através do marcador *entendeu*, a preocupação do falante I em ser compreendido pelo(s) interlocutor(es) após sua “dificuldade” de organizar o discurso. Esse marcador, ao qual, em geral, se atribui uma função pontuante, encontra-se no domínio da conversa, já que o falante dirige-se ao(s) interlocutor(es). A superposição da fala de W (*é verdade*), em concordância com a de I, demonstra a ação conjunta de W (Clark, 1996), na construção do discurso de I, funcionando como estímulo às considerações do mesmo.

Embora o verbo *entender* esteja codificado no pretérito perfeito, o espaço R5 foi considerado simultâneo a R4, porque não se refere a um fato individualizado ocorrido no passado, mas ao conteúdo discursivo expresso por I, devido ao significado lexical desse verbo, que denota atividade mental. Por essa razão, trata-se de um marcador discursivo. Todavia, o tempo verbal desse marcador assinala uma mudança do domínio da conjectura para o domínio da realidade do falante, pois, durante a conceptualização do discurso, o uso do pretérito perfeito envolve a presença de um ponto de vista coincidente com o ponto de referência do discurso, ou seja, o ponto de vista a partir do qual uma situação é retratada encontra-se no tempo do discurso (Doiz-Bienzobas, 1995).

Assim, pode-se observar como foco e ponto de vista fornecem um arranjo perceptual a partir do qual o discurso será conceptualizado, revelando pistas para construção do discurso, a qual ocorre numa coordenação de ações conjunta entre os participantes.

Referências bibliográficas

CHAFE, Wallace. Cognitive constraints on information flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

_____. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 1-27.

CLARK, Herbert H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CUTRER, Michelle. *Time e tense in narrative and in everyday language*. San Diego: University of California, 1994.

DINSMORE, John. *Partitioned representations*. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1991.

DOIZ-BIENZOBAS, Aintzane. *The preterite and the imperfect in spanish: past situation vs. past viewpoint*. San Diego: University of California, 1995.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____ & SWEETSER, Eve. *Sapces, worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford/California: Stanford University Press, 1987, I v.

_____. *Foundations of cognitive grammar: Descriptive aplication*. Stanford/California: Stanford University Press, 1991, II v.

MEJÍAS-BIKANDI, Errapel. Space accessibility and mood in spanish. In: FAUCONNIER, Gilles & SWEETSER, Eve. *Sapces, worlds and grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

MIRANDA, Neuza Salim. Domínios estáveis e projeções entre domínio: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. In *Veredas*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1999. v. 3, n. 1, p. 81-95.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. *O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*. Juiz de Fora/Rio de Janeiro: UFJF/UFJRJ/UERJ-CNPq, 1999. (Projeto integrado de pesquisa — Grupo Gramática e Cognição).

TANNEN, Deborah. & WALLAT, Cynthia. Interactive frames and knowledge schemas in interaction: exemples from a medical examination/interview. In: TANNEN, Deborah. *Framing in discourse*. New York: Oxford University Press, 1987.